

ENTRE VOZES, SILÊNCIOS E SINGULARIDADES: COMUNICAÇÃO HUMANA NAS NEUROPSICODIVERSIDADES

BETWEEN VOICES, SILENCES AND SINGULARITIES: HUMAN COMMUNICATION IN NEUROPSYCHODIVERSITIES

Meline Sofia Alves da Costa Moura¹

RESUMO: O estudo abordou a comunicação humana no contexto das neuropsicodiversidades, com foco em sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), apraxia de fala e mutismo seletivo. A questão investigada concentrou-se em como a comunicação se manifesta nesses contextos de forma não convencional, envolvendo silêncio, gestos, ecolalia e o uso de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA). O objetivo geral foi analisar a comunicação como experiência subjetiva, relacional e multissensorial, valorizando modos singulares de expressão. A pesquisa foi de natureza teórica, com base em autores das áreas da psicologia, neurodiversidade e educação inclusiva. No desenvolvimento, discutiu-se a centralidade da fala na cultura ocidental e os impactos da sua valorização excessiva na exclusão de formas alternativas de linguagem. Ressaltou-se o papel do silêncio como linguagem legítima e expressiva, especialmente em contextos de sobrecarga sensorial e emocional. Nas considerações finais, concluiu-se que ampliar a noção de comunicação é essencial para práticas mais éticas, inclusivas e sensíveis à subjetividade de cada sujeito, reforçando a importância da escuta e do acolhimento das diferenças.

3226

Palavras-chave: Comunicação. Neuropsicodiversidade. Autismo. Subjetividade. Inclusão.

ABSTRACT: This study explored human communication within the context of neuropsychodiversity, focusing on individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), childhood apraxia of speech, and selective mutism. The central question addressed how communication manifests in non-verbal or non-traditional ways in these contexts, including silence, gestures, echolalia, and the use of Augmentative and Alternative Communication (AAC). The main objective was to analyze communication as a subjective, relational, and multisensory experience, recognizing the legitimacy of unique forms of expression. The research was theoretical in nature, grounded in literature from psychology, neurodiversity, and inclusive education. The discussion highlighted the dominance of verbal speech in Western culture and the exclusionary effects of disregarding alternative communicative modes. Silence was emphasized as a meaningful and legitimate form of expression, especially in situations of sensory and emotional overload. The conclusion emphasized that expanding our concept of communication is crucial for fostering ethical, inclusive practices that honor subjectivity and the diverse ways of being and expressing in the world.

Keywords: Communication. Neuropsychodiversity. Autism. Subjectivity. Inclusion.

¹Iniciação científica Júnior, New York Academy of Sciences.

INTRODUÇÃO

A comunicação humana é uma experiência complexa que não pode ser reduzida à fala articulada ou à troca objetiva de informações. Ela se manifesta como um fenômeno multidimensional que articula linguagem, corpo, emoção, contexto social e estrutura neurológica. Desde os primeiros momentos de vida, o ser humano comunica-se por meio de choro, expressões faciais, gestos e movimentos corporais, todos carregados de intencionalidade e subjetividade, mesmo na ausência de palavras.

Na contemporaneidade, marcada pela valorização da velocidade e da performance comunicacional, a fala verbal é frequentemente considerada a principal, senão a única, forma legítima de comunicação. Essa visão hegemônica, no entanto, marginaliza outras formas expressivas, especialmente aquelas que emergem em contextos de neuropsicodiversidade. Indivíduos com condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o mutismo seletivo, a apraxia de fala ou outras variações do desenvolvimento comunicativo, muitas vezes se expressam de formas não convencionais, que escapam aos parâmetros dominantes da verbalidade.

Nessas realidades, o silêncio, a gestualidade, a ecolalia, os comportamentos repetitivos ou a utilização de sistemas de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) não são falhas, mas modos singulares de presença no mundo. Tais manifestações comunicativas revelam que a linguagem não é apenas um conjunto de regras gramaticais, mas um campo sensível e subjetivo onde se constroem afetos, relações e identidades.

3227

Ao propor uma reflexão sobre as dimensões da comunicação humana a partir dos eixos da voz, do silêncio e da subjetividade, este texto busca ampliar a noção do que significa comunicar-se, deslocando o foco da eficiência verbal para uma escuta mais ampla e inclusiva. Com isso, pretende-se lançar luz sobre os modos de expressão que, embora muitas vezes silenciados ou mal interpretados, são profundamente legítimos e reveladores da condição humana.

Comunicação como experiência multissensorial e relacional

Compreender a comunicação como uma experiência multissensorial e relacional significa reconhecer que ela não se limita à linguagem verbal ou escrita. Ela envolve o corpo, os sentidos, os afetos, o contexto e a subjetividade de cada indivíduo. A comunicação é um campo de trocas simbólicas, onde o que se expressa e o que se compreende depende não apenas

das palavras proferidas, mas também dos gestos, do tom de voz, das expressões faciais, dos silêncios e dos elementos não ditos. Ela se realiza no espaço relacional entre sujeitos e é atravessada por camadas históricas, culturais, afetivas e neurológicas.

Nas neuropsicodiversidades, especialmente no caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a comunicação frequentemente se dá por caminhos alternativos, muitas vezes desconsiderados pelos modelos normativos da linguagem. Indivíduos autistas podem apresentar hipersensibilidade ou hipossensibilidade sensorial, dificuldades de reciprocidade social, e uma maneira própria de organizar o pensamento e o discurso. Essas características não indicam ausência de comunicação, mas sim **um estilo comunicativo singular**, que requer formas igualmente singulares de escuta e acolhimento.

O ambiente, os estímulos visuais e sonoros, a previsibilidade da rotina e o tipo de interação social proposta influenciam diretamente a forma como o sujeito neurodivergente se comunica. Em muitos casos, a tentativa de encaixar esses indivíduos em formas padronizadas de diálogo acaba por silenciar suas expressões legítimas. Isso reforça a necessidade de se compreender a comunicação como uma experiência que vai além da fala direta, envolvendo todo o aparato sensorio-motor e afetivo do sujeito.

Nos casos de apraxia de fala, por exemplo, a dificuldade não está na compreensão da linguagem, mas na execução motora dos movimentos necessários à articulação da fala. Nesse cenário, é fundamental observar os **modos não verbais de expressão** que se apresentam, como olhares, apontamentos, balbucios, movimentos corporais, entre outros. O mesmo ocorre com o mutismo seletivo, onde a fala pode existir em contextos específicos, mas é inibida em outros por questões emocionais, como ansiedade intensa ou sensação de ameaça relacional.

3228

Essas experiências demonstram que a comunicação é, antes de tudo, um campo de presença e relação. Ela acontece naquilo que se compartilha com o outro, mesmo que sem palavras. O toque de uma mão, o afastamento corporal, o brilho ou a evasão no olhar, o ritmo da respiração: tudo isso comunica. São sinais que pedem interpretação, empatia e abertura, sobretudo por parte de familiares, educadores, profissionais da saúde e da educação.

Quando entendemos a comunicação como algo que se constrói na relação entre os sujeitos, e não como um produto exclusivo da fala verbal, ampliamos nossa capacidade de acolher e incluir diferentes formas de existir no mundo. Essa abordagem relacional rompe com a lógica da deficiência para dar lugar a uma **ética da alteridade**, onde escutar o outro é também reconhecer sua forma única de comunicar, sentir e significar a realidade.

A voz e a falta de dela: quando a fala não é o centro

A voz é, tradicionalmente, considerada um dos principais instrumentos da comunicação humana. Ela carrega não apenas palavras, mas entonações, emoções, hesitações e ritmos que constroem o significado do que é dito. Contudo, a centralidade da voz e da fala na cultura ocidental muitas vezes produz invisibilidade e exclusão para aqueles cujas formas de expressão não se encaixam nesse padrão. Em diversos contextos clínicos e educativos, a ausência de fala verbal é erroneamente confundida com ausência de linguagem, de pensamento ou até de subjetividade.

No entanto, é fundamental reconhecer que a comunicação humana não está limitada à expressão verbal. Há muitas maneiras de se fazer ouvir sem emitir palavras. O olhar, o gesto, a pausa, a postura corporal, a escolha de permanecer em silêncio, todos esses elementos constituem formas legítimas de comunicação. Em indivíduos com neuropsicodiversidades, essa multiplicidade comunicativa se manifesta de forma intensa e exige uma escuta sensível, capaz de perceber o que se expressa para além da linguagem falada.

No caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, a verbalidade pode apresentar formas muito variadas. Há indivíduos totalmente não verbais, que utilizam exclusivamente formas alternativas de comunicação, como imagens, símbolos visuais, tablets com síntese de voz ou gestos manuais. Outros podem falar fluentemente, mas apresentam dificuldades na compreensão e uso da linguagem em contextos sociais, interpretando metáforas literalmente ou não compreendendo nuances emocionais nas palavras. Há também casos de fala ecológica, onde o sujeito repete palavras ou frases escutadas anteriormente, que, embora muitas vezes vistas como um sintoma, também podem ser compreendidas como tentativas de interação e expressão.

O mutismo seletivo representa outro fenômeno importante nesse debate. Trata-se de uma condição em que a pessoa é capaz de falar, mas permanece em silêncio em contextos específicos, geralmente por causa de ansiedade intensa, fobia social ou experiências traumáticas. Não é uma recusa consciente e voluntária de falar, mas uma impossibilidade subjetiva de se expressar verbalmente em certas situações. Esse silêncio não pode ser interpretado como indiferença ou oposição, mas como uma tentativa de proteger-se de uma experiência relacional percebida como ameaçadora. Compreender o mutismo seletivo exige empatia e uma escuta que vá além do óbvio.

A apraxia de fala infantil, por sua vez, é uma condição neurológica em que a criança compreende o que deseja comunicar, mas tem dificuldade em coordenar os movimentos da boca, língua e mandíbula para articular sons com clareza. A mensagem está presente internamente, mas sua tradução em fala é comprometida. Isso pode gerar frustração, isolamento e dificuldades de socialização. Nestes casos, é fundamental o uso de métodos de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), que permitem à criança acessar formas expressivas eficazes enquanto desenvolve, em paralelo, a possibilidade de fala.

A implementação desses recursos que incluem pranchas com imagens, dispositivos com síntese de voz, gestos naturais ou sistemas simbólicos não deve ser vista como substituição da fala, mas como ampliação das possibilidades comunicativas. Para muitas crianças e adultos, essas estratégias são a ponte entre o mundo interno e o outro, o meio pelo qual se constrói o vínculo social e se participa da vida comunitária.

Portanto, ao compreender que a fala não é a única via de expressão, abrimos caminho para uma comunicação mais inclusiva, que valoriza todas as formas de presença e escuta. Isso implica deslocar o olhar daquilo que falta para aquilo que está presente, mesmo que de maneira não convencional. O que importa, em última instância, é garantir que toda pessoa tenha meios de expressar sua subjetividade, de ser compreendida e de participar do mundo que compartilha com os outros.

3230

O silêncio como expressão e espaço de subjetividade

O silêncio, frequentemente interpretado como ausência de comunicação, é, na verdade, uma linguagem densa, simbólica e viva. Na tradição ocidental, marcada por uma cultura da fala e da produtividade discursiva, o silêncio é muitas vezes associado à passividade, ao desconhecimento ou à recusa. Contudo, essa visão desconsidera a complexidade que o silêncio carrega como forma expressiva e como manifestação profunda da subjetividade. Em contextos de neuropsicodiversidade, essa compreensão se torna ainda mais necessária, pois o silêncio pode ser a única maneira possível de sustentar a própria presença diante do mundo.

Para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, o silêncio pode surgir como uma resposta adaptativa à sobrecarga sensorial, emocional ou social. Em momentos de intenso estresse, ansiedade ou confusão interna, é comum que ocorram episódios conhecidos como shutdowns, nos quais a pessoa se desliga temporariamente de interações externas como uma forma de autoproteção. Esses episódios não devem ser confundidos com apatia ou desinteresse,

mas sim compreendidos como expressões legítimas de uma necessidade psíquica de reorganização. Nesse estado, o silêncio torna-se um escudo, um abrigo provisório diante do excesso de estímulos e da impossibilidade de processá-los de forma verbal.

Em outras situações, o silêncio pode representar um espaço de elaboração subjetiva. Crianças e adultos neurodivergentes, especialmente aqueles com dificuldades expressivas como apraxia de fala ou mutismo seletivo, muitas vezes utilizam o silêncio como um tempo de escuta interna, de reconstrução do pensamento, de busca por estratégias alternativas de interação. Esse silêncio não é vazio, mas pleno de significados que só se revelam a partir de uma escuta paciente e respeitosa. O desafio, portanto, não está no rompimento do silêncio, mas na **compreensão de sua função e na valorização de sua presença como linguagem própria**.

Há também o silêncio que nasce da dor e da exclusão social. Indivíduos cujas formas de comunicação não são compreendidas pelo ambiente em que vivem podem acabar se silenciando como forma de autopreservação diante da frustração, do preconceito ou da rejeição. Quando não há espaço para ser ouvido, quando a fala não é acolhida ou é constantemente corrigida, o silêncio torna-se um refúgio. Nessas situações, o sujeito não se cala por escolha, mas por necessidade. Trata-se de um silêncio que denuncia a ausência de escuta verdadeira e a violência simbólica sofrida por quem comunica de maneira diferente.

3231

É preciso reconhecer que o silêncio, em todas essas formas, está carregado de intencionalidade. Ele pode significar resistência, introspecção, sofrimento, cuidado ou espera. Interpretá-lo exige não apenas sensibilidade, mas uma escuta que vá além da audição. Uma escuta que perceba o corpo, o tempo, o contexto e a história do sujeito. Ao invés de tentar preencher o silêncio com interpretações apressadas, é necessário aprender a habitá-lo junto com o outro, respeitando seu ritmo e reconhecendo sua profundidade.

No campo educativo, terapêutico e familiar, esse reconhecimento transforma as relações. Quando os profissionais e cuidadores compreendem que o silêncio pode ser uma forma de linguagem, deixam de tratá-lo como uma falha a ser corrigida e passam a valorizá-lo como um sinal a ser escutado. Essa mudança de perspectiva contribui para a construção de vínculos mais autênticos e respeitosos, nos quais a pessoa neurodivergente não é forçada a adaptar-se a padrões externos, mas acolhida em sua singularidade.

Silenciar, portanto, não é negar-se ao mundo, mas, muitas vezes, uma forma de se fazer presente de maneira mais profunda e verdadeira. O silêncio, como a voz, é expressão legítima da subjetividade humana. Ele precisa ser lido como parte do processo comunicativo e não como

seu oposto. Entendê-lo dessa forma é essencial para a construção de uma sociedade que respeite a pluralidade dos modos de ser, de sentir e de comunicar.

Subjetividade e neuropsicodiversidade: comunicação como singularidade

A comunicação humana não se realiza apenas como um ato técnico de emitir e receber mensagens. Ela é uma prática carregada de sentido, atravessada por afetos, experiências e histórias pessoais. Cada sujeito comunica a partir do lugar que ocupa no mundo, a partir de sua constituição psíquica, de seu corpo, de sua memória e das relações que estabelece com o outro. Assim, a comunicação está intrinsecamente ligada à subjetividade, e não existe fora dela.

No contexto das neuropsicodiversidades, essa relação torna-se ainda mais evidente. Sujeitos autistas, por exemplo, apresentam formas de perceber e se relacionar com o mundo que frequentemente se expressam por meio de estruturas comunicativas distintas das normas esperadas. A lógica neurotípica, baseada na linearidade, na previsibilidade e na reciprocidade verbal direta, muitas vezes não é suficiente para dar conta da riqueza comunicacional dos indivíduos neurodivergentes. O que para muitos é visto como sintoma: ecolalia, mutismo, estereotípias motoras, resistência a interações sociais, pode, na verdade, ser compreendido como modos legítimos de expressão subjetiva.

3232

A subjetividade não se revela apenas no que é dito, mas também no modo como o sujeito organiza sua presença no mundo. Uma criança que repete incansavelmente a mesma frase, que alinha objetos com precisão ou que reage intensamente a estímulos sensoriais, está dizendo algo. Está, muitas vezes, construindo um mundo simbólico próprio, que precisa ser lido e escutado com atenção e respeito. Nesses casos, a comunicação não acontece apenas entre sujeitos, mas também entre mundos internos e é justamente essa diferença de mundos que precisa ser acolhida.

A singularidade da linguagem nos quadros de neuropsicodiversidade exige que o conceito de comunicação seja ampliado para além da norma. A linguagem, para esses sujeitos, pode se manifestar por vias inesperadas: um movimento repetitivo pode conter intenção comunicativa; uma ausência de resposta verbal pode significar sobrecarga; uma ecolalia pode ser uma tentativa de participar de uma interação social. Cada uma dessas expressões carrega marcas subjetivas que, quando corretamente compreendidas, podem se tornar pontos de conexão e de vínculo.

Ao invés de tentar normalizar ou corrigir essas formas comunicativas, é necessário reconhecer que elas são **expressões válidas de um modo de ser**. Esse reconhecimento implica também um deslocamento ético: sair do paradigma da deficiência para o da diferença, e abandonar a lógica da correção para abraçar a lógica da escuta. Trata-se de compreender que cada sujeito possui um universo simbólico próprio, com sua lógica, suas regras internas e suas formas de acessar o outro.

Nesse sentido, a subjetividade se expressa não apenas no que é comunicado, mas também na forma como se comunica. A escolha do silêncio, a dificuldade com metáforas, a preferência por interações mediadas por objetos ou interesses específicos são manifestações legítimas de um modo singular de existir no mundo. Valorizar essa subjetividade é um passo essencial para a construção de práticas inclusivas na educação, na saúde e nas relações sociais em geral.

O desafio é deixar de ver a comunicação como uma habilidade técnica a ser adquirida, e passar a compreendê-la como um campo de trocas humanas, onde cada sujeito comunica a partir de sua própria linguagem e de seu próprio tempo. Ao ampliar essa concepção, abre-se espaço para que as neuropsicodiversidades possam ser não apenas incluídas, mas também escutadas em sua profundidade e respeitadas em sua forma única de existir.

3233

CONCLUSÃO

Vivemos em uma sociedade onde a fala fluente, coerente e objetiva é, frequentemente, tratada como critério de competência, inteligência e legitimidade social. Contudo, essa visão limitada da comunicação ignora a complexidade dos modos de expressão humana e exclui sujeitos cuja comunicação se dá por caminhos outros, não necessariamente verbais ou lineares. Reconhecer as múltiplas formas de linguagem, inclusive o silêncio, a ecolalia, o gesto, o olhar, o corpo e os sistemas alternativos é essencial para uma convivência mais ética, sensível e inclusiva.

Ao longo desta reflexão, vimos que voz, silêncio e subjetividade são dimensões centrais da experiência comunicativa e que todas se manifestam com particular intensidade no contexto das neuropsicodiversidades. Indivíduos com Transtorno do Espectro Autista, apraxia de fala, mutismo seletivo ou outras condições neurológicas e psicológicas não estão fora da linguagem, mas habitam-na de forma distinta. Suas formas de expressão não devem ser lidas como falhas ou déficits, mas como revelações legítimas de uma subjetividade que comunica por outras vias.

Essa perspectiva exige um deslocamento do olhar clínico, pedagógico e social. Ao invés de se buscar a "correção" da diferença, é necessário acolhê-la como uma possibilidade real e rica de construção de sentido. O objetivo não deve ser forçar a adaptação ao modelo normativo, mas criar contextos onde a comunicação em todas as suas formas possa emergir de maneira espontânea, segura e significativa.

A escuta, nesse processo, torna-se um ato ético e político. Escutar não é apenas ouvir sons ou interpretar sinais, mas reconhecer o outro em sua complexidade. Trata-se de um exercício de disponibilidade, de abertura ao inusitado e ao não verbal. Escutar o silêncio de uma criança em shutdown, os gestos improvisados de um adolescente com apraxia de fala, a ecolalia repetida por um adulto autista, exige mais do que conhecimento técnico. Exige empatia, tempo, presença e um compromisso radical com a inclusão.

Além disso, é fundamental garantir o acesso a tecnologias e estratégias de Comunicação Alternativa e Aumentativa, que possam mediar a expressão daqueles que encontram barreiras na fala oral. Esses recursos não são meras ferramentas auxiliares, mas pontes simbólicas e afetivas entre o sujeito e o mundo, entre o interno e o externo, entre o desejo de comunicar e a possibilidade de ser compreendido.

Por fim, é preciso repensar as práticas educativas, terapêuticas e sociais, para que estas se tornem mais sensíveis às singularidades comunicativas. Formar profissionais capazes de ouvir para além da fala, criar espaços que respeitem os tempos individuais e valorizar o que cada sujeito tem a dizer mesmo quando isso não é dito com palavras são gestos fundamentais de um mundo mais justo e mais humano.

Comunicar é existir. E toda existência merece ser escutada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAGLIARDI, C. et al. Understanding Selective Mutism in Very Young Children. *Behavioral Sciences*, v. 13, n. 7, 2023. DOI: 10.3390/bs13070923.

MARTIN, L. J.; NAGALAKSHMI, M. Bridging the Social & Technical Divide in AAC Applications for Autistic Adults. *arXiv*, 2024. DOI: 10.48550/arXiv.2404.17730.

MURIS, P.; OLLENDICK, T. H. Selective Mutism and Its Relations to Social Anxiety Disorder and Autism Spectrum Disorder. *Clinical Child and Family Psychology Review*, v. 24, n. 2, p. 294–325, 2021. DOI: 10.1007/s10567-020-00342-0.

PATTEN, E. et al. Sensory Response Patterns in Nonverbal Children with ASD. *Autism Research and Treatment*, v. 2013, p. 1–8, 2013. DOI: 10.1155/2013/436286.

RAMSAY, N. et al. Parent perspectives of children with selective mutism and co-occurring autism. *International Journal of Developmental Disabilities*, 2023. DOI: 10.1080/20473869.2023.2194690.

SAFIRA, I. et al. Non-Verbal Communication by Autistic Children. *ELS Journal on Interdisciplinary Studies in Humanities*, v. 3, n. 4, p. 492-505, 2020. DOI: 10.34050/els-jish.v3i4.11966.

SHAMIM, S. et al. Autism Children App using PECS. *arXiv*, 2018. DOI: 10.48550/arXiv.1801.03529.

SHIMONI, H. N. et al. The Clinical Phenotype of Early Selective Mutism and Later Autism Spectrum Disorder in Girls: A Case Series Analysis. *Children*, v. 12, n. 7, 2025. DOI: 10.3390/children12070976.

VESS, J.; CARBONE, M. et al. A Physiological Approach to Vocalization and Expanding Spoken Language for Adolescents with Selective Mutism. *Behavioral Sciences*, v. 13, n. 8, 2023. DOI: 10.3390/bs13080597